

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

CAROLINA RIBEIRO MAKSSUR CARNEIRO

UMA DESCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS E PERSONAGENS DE BALLETS DE  
REPERTÓRIO POR UMA VISÃO ARQUETÍPICA JUNGUIANA

POUSO ALEGRE, MG

2023

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

CAROLINA RIBEIRO MAKSSUR CARNEIRO

· UMA DESCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS E PERSONAGENS DE  
BALLETS DE REPERTÓRIO POR UMA VISÃO ARQUETÍPICA  
JUNGUIANA

Monografia apresentada para aprovação  
no curso de Psicologia, da faculdade  
FACIMPA, da Universidade do Vale do  
Sapucaí; orientado pelo(a) Prof. Victor  
Hugo Sampaio Alves

POUSO ALEGRE, MG

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca

Carneiro, Carolina Ribeiro Makssur

Uma descrição das histórias e personagens de ballets de repertório por uma visão arquetípica junguiana/ Carolina Ribeiro Makssur Carneiro – Pouso Alegre: Univás, 2023.

26f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -.  
Universidade do Vale do Sapucaí, 2023.

Orientador: Victor Hugo Sampaio Alves.

1. Arquétipos; 2. Ballet de Repertório; 3. Psicologia Analítica Junguiana

CDD – 614.47

Bibliotecária responsável: Michelle Ferreira Corrêa  
CRB 6-3538

CAROLINA RIBEIRO MAKSSUR CARNEIRO

UMA DESCRIÇÃO DAS HISTÓRIAS E PERSONAGENS DE BALLETS DE  
REPERTÓRIO POR UMA VISÃO ARQUETÍPICA JUNGUIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
para aprovação no curso de Psicologia da  
Universidade do Vale do Sapucaí; tendo como  
orientadora e pesquisadora a Prof. Victor Hugo  
Sampaio Alves

APROVADO EM: 17/11/2023.

Banca examinadora



---

Orientador(a): Prof. Dr. Victor Hugo Sampaio Alves  
Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS



---

Examinador (a): Dr. Fabio Rezeck  
Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS

---

Examinador (a): Prof. Edmara Barra dos Santos  
Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS

## **AGRADECIMENTOS**

Ao chegar no final deste trabalho é de suma importância agradecer, a todos que se fizeram presentes no meu desenvolvimento dentro do curso nos últimos 5 anos. Agradeço todos os que fizeram parte da minha formação profissional enquanto mestres, que puderam me passar um pouco de seus conhecimentos para auxiliar no processo de graduação. Agradeço também a todos os meus familiares, pais, irmãos, avós e a todos que estiveram comigo nesse percurso, que me apoiaram, ajudaram e incentivaram a conclusão do curso ao longo de toda essa trajetória, e um agradecimento especial as pessoas que não estão aqui mais, mas que fizeram parte do meu desenvolvimento pessoal, e profissional. Sou grata por todos os meus amigos, colegas e conhecidos que cruzaram meu caminho durante a trajetória, e a todos que faço questão de manter em minha vida que estiveram ao meu lado ao longo do curso. Um agradecimento especial ao meu orientador que fez parte da construção desta monografia e a todos que de alguma forma colaboraram para que esse trabalho possa ser concluído.

Erros são, no final das contas, fundamentos da verdade. Se um homem não sabe o que uma coisa é, já é um avanço do conhecimento saber o que ela não é.  
(Jung)

## RESUMO

No seguinte trabalho será realizado uma análise baseada na teoria dos arquétipos de Jung, a partir dos personagens de ballets de repertório selecionados, buscando entender como a simbologia do arquétipo pode ser associada aos personagens. Para realizar esta análise, é necessário partir do pressuposto que os arquétipos são imagens primordiais, passadas por gerações, localizados no inconsciente coletivo, podendo observar a presença das mesmas independente da época, ou da cultura em que se localiza. Sendo assim, os arquétipos entendidos como imagens universais, pode-se identificar em diversas manifestações como mitos, ou no caso dos ballets selecionados. Compreendendo então que os ballets de repertório são obras montadas e remontadas a anos, contando uma história repleta de dança e pantomimas, tendo diversas representações de símbolos e imagens arquetípicas, seria possível associar ambos os assuntos, apresentando as manifestações como de *anima, animus, persona, sombra, arquétipo do herói*, entre outros, entendendo teoricamente a importância do assunto baseado na teoria dos arquétipos da psicologia analítica Junguiana, focando, com as representações artísticas do ballet.

**Palavra-Chave:** Arquétipos; Ballet de Repertório; Psicologia Analítica Junguiana.

## ABSTRACT

In the following work will be carried out an analysis based on the theory of the archetypes of Jung, from the characters of some selected repertoire ballets, seeking to understand how the symbology of the archetype can be associated with the characters. To perform this analysis, it is necessary to assume that the archetypes is primordial images, passed down through generations, located in the collective under conscious, being able to observe their presence, regardless of the time, or the culture in which it is located. In this point of view, the archetypes understood as universal images, can be identified in various manifestations as myths, or in this case, the selected ballets. Understanding then that repertory ballets are works assembled and reassembled for years, telling a story full of dance and pantomimes, having several representations of symbols and archetypal images, then it would be possible to associate both subjects, presenting the manifestations as *anima*, *animus*, *persona*, *shadow*, *archetype of the hero*, among others, understanding theoretically the importance of the subject based on the artistic depictions of ballet.

**Keyword:** archetypes; repertory ballet; Jungian analytical psychology



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>12</b>
Objetivo Geral.....	12
Objetivos Específicos.....	12
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
<b>1. ARQUÉTIPOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 Principais Arquétipos.....	17
1.2 Arquétipos e Representação Artística.....	20
<b>2. BALLET DE REPERTÓRIO.....</b>	<b>23</b>
2.1 Spartacus.....	25
2.2 O Lago Dos Cisnes.....	25
2.3 Giselle.....	26
2.4 Dom Quixote .....	27
2.5 La Bayadere.....	27
<b>3. ANÁLISE.....</b>	<b>29</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIA.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Visando a amplitude da teoria do Jung, torna-se possível discorrer sobre a grande influência do inconsciente coletivo para o desenvolvimento do meio e da cultura. Por conseguinte, levando em consideração as particularidades culturais em um mundo globalizado, pode-se associar a teoria dos arquétipos, enquanto presente no cotidiano das pessoas, e elementos simbólicos de forma abrangente ao meio cultural. Mantendo em mente, portanto, as influências culturais citadas acima, manifestações artísticas como os ballets de repertório são passíveis de serem analisadas enquanto fontes de símbolos e imagens, possibilitando uma análise e interpretação segundo a teoria de Jung, aplicada a um material rico e até então inexplorado.

É necessário, antes que se prossiga a respeito da teoria dos arquétipos, que se aborde o conceito de inconsciente coletivo.

“O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. [...] os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*” (JUNG, 2000, p. 53)

Sendo assim, entendemos os arquétipos como parte de um todo herdado essencialmente inconsciente e por sua vez que não necessariamente foram evocados conscientemente, mas que apresentam certas influências frente ao self.

Ademais, ao perceber os arquétipos enquanto figuras e símbolos, podemos entender como descrito por Jung:

“princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma. Na medida em que essas figurações são retratos relativamente fiéis dos acontecimentos psíquicos, os seus arquétipos, ou melhor, as características gerais que se destacam no conjunto das repetições de experiências semelhantes, também correspondem a certas características gerais de ordem física. Este é o motivo pelo qual é possível transferir figurações arquetípicas, como conceitos ilustrativos da experiência diretamente ao fenômeno físico” (JUNG, 1980, p. 85).

Ou seja, frente ao descrito acima, entendemos a correlação simbólica entre o arquétipo, ou símbolo de caráter mais universal sendo flexível a ponto de representar acontecimentos psíquicos do indivíduo, sendo experiências vividas individualmente, porém, com aspectos

semelhantes.

Outro aspecto abordado por Jung são as denominações dos arquétipos, visto que os padrões reproduzidos podem ser identificados enquanto símbolos presentes no cotidiano da sociedade em que o indivíduo está inserido. Ainda seguindo o exposto no livro *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2000, p. 53) entendemos que: “O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.” Entende-se então que os arquétipos, enquanto inerentes ao inconsciente coletivo, seriam uma simbologia comum a todos, de forma atemporal e universal, sendo notórios ao longo de toda a existência humana, tendo manifestações culturais, históricas e sociais.

Sendo assim, percebe-se uma denominação comum de aspectos presentes no contexto de diversas culturas, e alguns arquétipos mais constantes do que outras como o self, a Persona e a sombra, por serem arquétipos pertencentes a estruturas da personalidade. Por conseguinte, mesmo que esses arquétipos não sejam uma herança imagética, o significado individual é recorrente, sendo uma manifestação de significados absorvidos pela cultura de forma semelhante entre as pessoas presentes no determinado espaço, compreendendo então que, mesmo não transmitindo as imagens pela genética, o desenvolvimento do ser reproduz alguns padrões, as quais podemos identificar como o papel da figura materna, por exemplo, sendo algo que não se é ensinado, mas sim entendido de forma natural e pela vivência.

Pensando então nos símbolos presentes nos arquétipos como forma de identificá-los e padronizá-los dentro da subjetividade do inconsciente coletivo, como forma de buscar imagens simbólicas para exemplificar e conceituar os arquétipos apresentados por Jung, seria possível utilizar dos ballets de repertório como manifestações artísticas de tais símbolos e imagens, sendo esses ballets caracterizados por Kassing (2016) como “chamada *ballet d’action* (*Ballet de Repertório*), usava dança e pantomima para apresentar um ballet dramático, unificado.” Entendendo então estes ballets como um conjunto de representações simbólicas através do movimento, sendo fonte de símbolos personificados para ilustrar os arquétipos enquanto imagens reais presentes no cotidiano das pessoas. Entretanto, essas representações podem não ser tão próximas da realidade, visto que são obras existentes há anos que são reproduzidas por diversas pessoas, tendo aspectos particulares de quem a remonta e assume o personagem a cada apresentação. Porém, entendendo a história passada e a importância de cada personagem para que a

história siga o percurso comum conhecido, é possível analisar e comparar o material simbólico apresentado dentro da construção do personagem com o entendimento de arquétipos já definidos e mais recorrentes, como o arquétipo do herói.

Sendo assim, ao perceber a importância das imagens e símbolos para a teoria de Jung, podemos conceber que os ballets de repertório que serão trabalhados nesta monografia terão papéis de exemplo e personificação através do movimento e da representação das histórias para desenvolver uma maneira de explicar alguns arquétipos para apontar manifestações do inconsciente coletivo, ainda que este seja atemporal, na realidade em que vivemos hoje. Por conseguinte, deve-se entender que a análise se dará com base no entendimento dos arquétipos que serão personificados, os entendendo enquanto símbolo e imagens e em conseqüentemente uma comparação ao que esse arquétipo representa. Associando assim com o material selecionado para estudar a história e a construção do personagem apresentado pelo bailarino dentro da história escolhida, sendo um olhar sucinto de um elemento simbólico em comparação ao arquétipo selecionado.

Visto então as diversas possibilidades de ballets a serem utilizados, buscando uma diversidade simbólica, é possível realizar a seleção de ballets com origens e temáticas mais diversas. Por conseguinte, é possível identificar a priori as temáticas e os contextos em que cada história selecionada aborda, como o ballet Spartacus sendo baseado na época greco-romana, e com um elenco majoritariamente masculino, apresentando símbolos de força, sensualidade, paixão e guerra. Em seguida podemos observar o ballet O Lago Dos Cisnes como uma possível dualidade entre a persona e a sombra, visto que temos personagens que são transformados e esta transformação apresenta símbolos em potencial para discutir ambos os aspectos. Outro ballet apresentado no trabalho em questão seria o ballet Giselle, a qual temos elementos de doença, elementos maternos, elementos de animação e elementos mitológicos dentro da peça.

Seguindo nos ballets escolhidos para o estudo em questão temos o Dom Quixote, que além dos elementos de anima e animus também temos relação com o elemento paterno, um momento simbólico representado por um sonho, por exemplo, com influências da cultura espanhola. Por fim, teremos um estudo de um ballet com origens indianas, La Bayadere apresenta símbolos de adoração ao fogo, questões de hierarquia, paixão e morte. Sendo assim, será possível agregar a teoria dos arquétipos com um novo ponto de vista, visto que as obras artísticas são representações arquetípicas originalmente, podem ser um meio de estudo, como exemplos palpáveis para o entendimento de

arquétipos presentes no cotidiano do coletivo.

Por conseguinte, o seguinte trabalho irá se desenvolver buscando em um primeiro momento explicar o que são arquétipos e como os mesmos se manifestam diariamente dentro da sociedade, pensando na cultura e nos padrões das pessoas presentes na mesma, e como os padrões simbólicos são manifestadas de forma individual e única, mesmo sendo identificados como coletivo.

Em seguida, como forma de exemplificar o que foi discutido sobre os arquétipos, tem-se o objetivo de apresentar uma série de obras apresentadas acima para apresentar imagens e símbolos concretos para facilitar a compreensão e entender com base em aspectos físicos os aspectos dos arquétipos que se manifestam a partir do inconsciente coletivo. Sendo assim, ao final desta monografia, será possível entender uma série de simbolismos e como estes se manifestam diariamente de forma única e individual nas pessoas, e como essas manifestações únicas podem ser percebidas como análogas a partir dos símbolos, ou arquétipos manifestados em comum.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Visamos oferecer um novo olhar dos ballets de repertório e suas composições imagéticas e narrativas com base na teoria arquetípica de Jung, propondo demonstrar a relação entre ambos e como essa percepção pode agregar nos estudos de arquétipos e suas características mais perceptíveis, além de acrescentar embasamento teórico para o estudo da arte.

### **Objetivos Específicos**

Os objetivos específicos iniciais da pesquisa seriam principalmente:

- descrever o que são os arquétipos, focando nos que serão abordados de forma mais profunda na pesquisa;
- descrever os personagens e as características que os aproximam dos arquétipos descritos;
- Analisar de que forma os aspectos do ballet de repertório podem agregar

os estudos sobre os arquétipos descritos por Jung, e como esse estudo pode contribuir inversamente também.

- Buscar ampliar as formas de se estudar e descrever os arquétipos de Jung.

## **METODOLOGIA**

O método que será utilizado para realizar a pesquisa é o de pesquisa bibliográfica e qualitativa sobre os arquétipos descritos por Jung e os ballets de repertório selecionados anteriormente compreendendo, pesquisa qualitativa como descrito por Yin, 2016, p. 30: “a pesquisa qualitativa pode ser uma ocasião para desenvolver novos conceitos. [...] usado para fornecer explicações potencialmente úteis e formar uma plataforma para novas investigações”, a partir desta descrição, é compreendido que a pesquisa qualitativa tem o objetivo de, a partir de uma revisão literária, criar novos desdobramentos da teoria já existente.

Por conseguinte, será necessário em um primeiro momento a explicação sobre o que são os arquétipos e como eles interagem com os indivíduos diariamente, e os aspectos culturais, sociais, histórico e temporal presente nesses arquétipos, visando os símbolos presentes no inconsciente coletivo.

Em seguida será realizado um estudo sobre os ballets de repertório para então ser possível agregar os estudos de arquétipos com os símbolos apresentados nas histórias dos ballets. Por conseguinte, é importante destacar que foram escolhidos 5 ballets de repertório para a realização deste estudo, sendo selecionados com base em suas temáticas e histórias, para apresentar um estudo diverso, mesmo com um número reduzido de ballets.

Sendo assim, é importante pontuar a falta de descrições científicas sobre os ballets de repertório, visando que são peças centenárias as quais são reproduzidas há anos. Devido a esta questão, serão utilizadas pesquisas atuais, tanto como livros e artigos, e principalmente vídeos de grandes companhias para serem base da descrição dos movimentos artísticos, os quais constroem caracterizações dos personagens, que interpretam aspectos de arquétipos já conhecidos. Consequentemente, a pesquisa irá se embasar no personagem e nas interações do mesmo com a história para pontuar símbolos e ações que se relacionam com os arquétipos, baseando o trabalho nos símbolos e

caracterizações percebidas durante a apresentação, sendo com um caráter narrativo e de exemplificar baseado em estudos visuais.

## 1. ARQUÉTIPOS

Para iniciar o tema de arquétipos é necessário compreender onde Jung identifica este fenômeno, sendo identificado na subdivisão que chamou de inconsciente coletivo. Sendo assim, é possível ilustrar com a descrição de Jung (1980, p. 59) “inconsciente coletivo, porque é desligado do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também porque seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte”.

Assim dizendo, entendemos este inconsciente como uma espécie de sub camada mais profunda na formação do indivíduo, detendo figuras universais e de caráter semelhante nas diversas culturas e histórias do mundo, ou seja, para Jung pode-se subdividir a psique em três níveis, sendo a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo, o qual é entendido então que, como pontuado por Hall, Nordby (2021, p. 52) “é a parte da psique que se pode distinguir do inconsciente pessoal pelo fato de sua existência não depender da experiência pessoal”. Em outras palavras, pode-se dizer que, existe a distinção entre ambos os inconscientes definidos por Jung a partir do momento que o inconsciente pessoal é repleto de conteúdos constituídos pela sua vivência, entendendo a experiência pessoal como o material presente nele.

Por conseguinte, o inconsciente coletivo se distancia do inconsciente pessoal, apresentando aspectos plurais a todos. Pensando então em outra citação de Hall, Nordby (2021, p. 52) vemos que “o inconsciente coletivo é um reservatório de imagens latentes, em geral denominadas imagens primordiais por Jung. Primordial significa “primeiro” ou “original”; por conseguinte, uma imagem primordial diz respeito ao desenvolvimento mais primitivo da psique”. Compreendendo então que as imagens primordiais ditas por Jung seriam imagens que não vieram de maneira consciente, sendo então, de forma a serem guardadas no inconsciente pessoal, mas sim de forma primitiva, latente, sendo algo que se faz presente enquanto símbolo de forma inata.

Compreendendo então o inconsciente coletivo, é entendido pelo texto de Jung (1980, p. 62) que o conteúdo do mesmo se identifica como os arquétipos, descrevendo esses como “Parece, portanto, que aquilo que se impregna no inconsciente é exclusivamente a ideia da fantasia subjetiva provocada pelo processo físico. Logo, é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pela repetição e reações subjetivas” compreende-se então que as fantasias, histórias, mitos e símbolos identificados de forma ampla em diversas fases da história humana, pontuando que sem ter contato direto umas com as outras, apresentam dinâmicas semelhantes. Sendo possível



identificar imagens, arquétipos no inconsciente coletivo sendo reproduzidos em histórias culturais, e compreendidas por todos. Por fim, pode-se compreender pelo trecho da obra de Nise da Silveira (1981, p.66) que “os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns todos os homens e transmitem-se por hereditariedade”. Sendo assim, compreendendo as imagens como símbolos adquiridos pela herança, e não pela vivência como os conteúdos presentes no inconsciente pessoal.

Seguindo sobre os arquétipos é possível entender a fala de Jung na segunda conferência apresentada no livro: fundamentos da psicologia analítica:

“tais imagens não tem nada a ver com o problema de sangue ou de herança racial. E também que tais fatores não são adquiridos pelo indivíduo. São próprios do humano, sendo, pois, e natureza coletiva. Dei o nome de arquétipos a esses padrões, valendo-me de uma expressão de santo agostinho: Arquétipo significa um “typos” (impressão, marca impressão)” (JUNG, 1985, p. 33)

Entendendo então arquétipos a denominação das imagens identificadas no inconsciente coletivo, enquanto símbolos herdados, e não adquiridos de forma individual.

Sendo assim, é possível entender a diversidade de arquétipos presentes no cotidiano da sociedade em geral, percebendo também as influências do inconsciente coletivo e dos símbolos presentes na vida cotidiana como questões culturais. Entretanto, como pontuado por Jacobi (2017, p. 53) “os arquétipos de Jung representam uma condição estrutural da psique, que, sob certa constelação (de natureza interna e externa), é capaz de produzir os mesmos “padrões”, o que não tem nada a ver com a herança de certas imagens.”. Sendo disposto de uma estrutura que reconhece e reproduz padrões do meio em que o indivíduo está inserido, não sendo algo herdado enquanto imagens, sendo um conjunto de possibilidades simbólicas. Entendendo então que os arquétipos presentes no inconsciente coletivo seria a junção de padrões culturais em que a pessoa está presente, enquanto manifestação dos símbolos de forma única e individual.

Entendendo então o trecho do livro psicologia do inconsciente apresenta que: “Devido ao seu parentesco com as coisas físicas, os arquétipos quase sempre se apresentam em forma de projeções, e quando estas são inconscientes, manifestam-se nas pessoas com quem se convive, subestimando ou sobre-estimando as, provocando desentendimentos, discórdias, fanatismos e loucuras de todo tipo”. Sendo assim, podemos entender que quando falamos de projeção dos arquétipos, percebemos um certo movimento de espelhar os aspectos físicos tendo tanto uma certa identificação com o que é espelhado, quanto uma certa repulsa, sendo entendido então, que inconscientemente os

aspectos dos arquétipos são projetados, como uma manifestação do inconsciente em pessoas do convívio ou figuras de grande repercussão, gerando ou uma identificação, ou certo desentendimento.

Compreendendo tudo que foi apresentado até o momento, vemos que o inconsciente coletivo é identificado como uma subdivisão mais profunda da psique, sendo repleto de símbolos e imagens compartilhadas de forma universal, sendo aspectos identificáveis em todos os indivíduos. Sendo assim, identificamos essas imagens como os arquétipos, sendo símbolos coletivos, percebidas em diversas culturas, diversos momentos da história, sendo atemporal e sem distinção de raça ou hereditariedade sanguínea, sendo inerente a todos.

## **1.1 Principais Arquétipos**

Visto que a teoria de Jung sobre arquétipos é ampla e abrangente, é possível perceber como definido por Ramos (2008, p.11): “Os arquétipos são inúmeros, incontáveis, porém, Jung nomeia alguns que estão em permanente contato com o eu. São eles: a persona, a sombra, a anima, o animus e o self“. A partir dessa fala, seria possível entender os arquétipos principais, descrevendo-os de forma mais ampla, para entender a relação dos mesmos com o cotidiano, percebendo assim que os arquétipos citados têm maior contato com a psique como um todo, em relação a outros arquétipos.

Sendo assim, pode-se dizer que cada arquétipo influencia o cotidiano dos indivíduos de um certo modo, se desenvolvendo de modo a apresentar aspectos individuais no inconsciente coletivo, mas também tendo um caráter universal, por ser um fenômeno presente em todos. Entendendo isso podemos descrever a pessoa como o desenvolvimento de mecanismos de se tornar algo, ou como dito no livro arquétipos e o inconsciente coletivo (2000, p. 121) “poderíamos até dizer que a persona é o que não se é realmente, mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa acham que se é”. Podendo entender a persona como uma “máscara”, uma espécie de versão que a pessoa desenvolve para se portar desse jeito em determinados locais.

Compreendendo então a persona como forma de se agir, sendo socialmente aceito, trazendo a citação de Leal (2021, p. 2 nossa tradução) entende-se que persona é apenas um dos papéis “socialmente aceitos”, em que com certa frequência o ego usa algo semelhante a uma imitação do verdadeiro self, em vez de inserir si próprio na sociedade,

entendendo a persona como uma barreira entre o que se é e o que se mostra ser<sup>1</sup>.

Após compreender a persona em resumo, é possível compreender a sombra como outro arquétipo, o qual também está em constante contato com o indivíduo no cotidiano, tendo acesso à consciência de certa forma. Entendendo então como descrito por Von Franz (1985, p.7): “definimos sombra como a personificação de certos aspectos inconscientes da personalidade que poderiam ser acrescentados ao complexo do ego, mas que, por várias razões, não o são. Poderíamos, portanto dizer que a sombra é a parte obscura, a parte não vivida e reprimida da estrutura do ego”. Sendo a sombra aquilo que se é reprimido, ou seja, aquilo que não se é evocado conscientemente por ser algo rejeitado pelo meio.

Parafraseando então Nise da Silveira podemos entender que:

A sombra (em sentido psicológico) faz parte da personalidade total. As coisas que não aceitamos em nós, que nos repugnam, e por isso as reprimimos, nós as projetamos sobre o outro, seja ele o nosso vizinho, o nosso inimigo político, ou uma figura símbolo como o demônio. E assim permanecemos inconscientes de que as abrigamos dentro de nós. (SILVEIRA, 1981, p. 81)

Podendo então compreender que o arquétipo da sombra, com o seu aspecto coletivo, por estar presente em todos, como o arquétipo que representa aquilo que é rejeitado, ou obscuro em cada indivíduo, normalmente sendo aspectos pertencentes na personalidade da pessoa, mas rejeitados socialmente, sendo por esse motivo reprimidos, e manifestados em sonhos e projetados em outras pessoas.

Ao pensar nos arquétipos de Anima e Animus vemos uma relação entre ambos, visto que são os responsáveis por equilibrar as ações femininas e masculinas de forma inconsciente, e então ao parafrasear Jung citado por Chevalier vemos que:

“Reteremos ainda outra definição dada por Jung: “a anima é o arquétipo do feminino que desempenha um papel muito especial no inconsciente do homem.” Se a anima é o índice feminino do inconsciente do homem, o animus segundo Jung, é o índice masculino do inconsciente da mulher; ou, ainda, a anima é o componente feminino da psique do homem, e o animus, o componente masculino da psique feminina.”. (CHEVALIER, 2022, p.81)

A partir daí, vemos dois arquétipos complementares, realizando uma ação compensatória frente às atitudes de cada indivíduo, sendo essa característica de ser compensatória, algo

---

<sup>1</sup> O Texto original está disponível em: Leal, EE (2021). JUNG E O CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO. Cadernos Cajuína, 6 (3), 295299 “persona is only one of the “socially accepted” roles, which most often the ego uses as an imitation of the true self in order to insert itself into society.”

bem marcado em toda a teoria. Entende-se então que a teoria de Jung é marcada por uma característica feminina ou masculina sendo oposto ao que a pessoa é conscientemente, podendo entender que, a cada atitude com traços marcados de um lado, vemos uma certa reação inversamente proporcional inconscientemente para o outro lado.

Ademais, como descrito por Jung, percebemos algumas características como: “Voltada para fora, a anima é volúvel, desmedida, caprichosa, descontrolada, emocional, às vezes demonicamente intuitiva, indelicada, perversa, mentirosa, bruxa e mística. animus, pelo contrário, é rígido, cheio de princípios, legalista, dogmático, reformador do mundo, teórico, emaranhando-se em argumentos, polêmico, despótico.” compreendendo também que é perceptível uma relação entre opostos, sendo de certa forma arquétipos que se complementam em busca do equilíbrio entre consciência e inconsciência coletiva, sendo possível entender a relação compensatória dita anteriormente, por serem elementos que se posicionam em dois polos opostos, sendo possível se manifestarem de diversos modos, sendo sempre possível compensar uma atitude consciente, com uma reação inconsciente do polo oposto, seja esse polo anima ou animus.

Sendo assim, é possível concluir se atentando ao arquétipo do self, visto pontuado por Nise da Silveira (1981, p. 137) “o self é definido como o arquétipo da totalidade e fonte de energia. A energia que emana do self é tão forte que o encontro com esse arquétipo constitui a experiência mais intensa e mais profunda que o homem pode vivenciar.” Entendendo o Self como um arquétipo, por estar presente em todos os seres, e também por ser algo central ao ser enquanto pessoa, detendo a energia e a totalidade do indivíduo.

Por fim, entende-se pelo pontuado por Hall, Lindsey e Campbell (2000, p. 92): “O self é o ponto central da personalidade, em torno do qual todos os outros sistemas estão constelados. Ele mantém esses sistemas unidos e dá à personalidade unidade, equilíbrio e estabilidade”. Sendo o arquétipo central, o qual agrega aspectos como a personalidade, mantendo a manutenção da energia, da estabilidade e do funcionamento da pessoa.

Pode-se concluir então que os arquétipos citados realizam uma série de funções necessárias na vivência do indivíduo, sendo arquétipos que de certa forma se complementam. Entendendo resumidamente então, temos a persona que representa de certa forma o como a pessoa pretende ser vista em um determinado ambiente, seguindo as normas sociais e o esperado pelo meio. Em seguida vimos a sombra como a parte mais escura do inconsciente coletivo, mantendo características que geram repulsa, sendo

manifesto em sonhos e por projeção, entendendo então como algo a ser negado conscientemente, mas que pertence e se manifesta no indivíduo cotidianamente.

Outros arquétipos apresentados foram de anima e animus, entendendo como o feminino e masculino, sendo responsáveis pela compensação das características da pessoa, mantendo o equilíbrio entre o feminino e o masculino no consciente e no inconsciente, garantindo que o indivíduo apresente uma pluralidade de características no seu todo. Por fim, temos o arquétipo do Self, sendo o responsável por centralizar a energia, a estabilidade e a personalidade do ser, mantendo a manutenção desses aspectos e interagindo com os outros arquétipos, permitindo a relação de todos e do ser com o meio de forma completa e por inteiro.

## **1.2 Arquétipos e Representação artística**

Ao observar os arquétipos e a carga simbólica do mesmo para o inconsciente coletivo, e reforçando as influências históricas, culturais e sociais na forma que esses arquétipos são representados, se faz necessário ter uma atenção na manifestação arquétípica nas representações artísticas.

“Nas artes, em geral, observam-se inúmeras projeções do simbolismo humano, nos remetendo às imagens pessoais e impessoais (arquétípicas) descritas tão amplamente por Jung, o que justifica a grande influência do pensamento junguiano no desenvolvimento das práticas arte terapêuticas”. (VASCONCELLOS, GIGLIO, 2007, p. 5)

Entendendo a relação entre arquétipos e arte, vemos que os arquétipos são elementos fundamentais ao se tratar de elementos históricos, compreendendo então a importância de entender sobre arquétipos anteriormente a se falar sobre expressões artísticas.

Seguindo então o pensamento de Lopes vemos que:

“Como acontece com os arquétipos Junguianos, que surgem em nossas experiências psíquicas cada vez com nova roupagem, os temas na dança também se repetem. O que parece mudar é a qualidade da forma e imagem da coreografia. Podemos observar a anima nas inúmeras personagens do repertório do balé clássico”. (LOPES, 2013, p. 19)

Sendo assim, seguindo a linha de raciocínio citada acima, podemos entender que os símbolos que aparecem nos ballets de repertório, como o símbolo do feminino, podem ser representados por diversas figuras, como no ballet Giselle, no Dom Quixote, que são

figuras femininas marcantes. Ademais, podemos citar outro trecho de Lopes (2013, p. 5), pontuando que: “Outra hipótese para a sobrevivência dos balés de repertório, a despeito de toda a crítica da modernidade a respeito dele, é o fato de trabalhar com temas arquetípicos, existentes em todas as civilizações e sociedades.”. Entendendo o que Jung pontua ao definir arquétipos como imagens atemporais, associando então o fato de, os ballets de repertório seguirem sendo importantes no cenário global, justamente pelo peso arquetípico presente nele.

Ou seja, podemos entender a dança como símbolo artístico que se manifesta de através do movimento, trazendo inúmeras mensagens e reflexões, sendo Jung (2013, p. 65) “a arte, em sua manifestação, ser uma atividade psicológica e, como tal, pode e deve ser submetida a considerações de cunho psicológico; pois, sob este aspecto, ela, com toda atividade humana oriunda de causas psicológicas”. Entendendo então a arte como algo a parte de um entendimento psicológico, algo criado com uma carga psicológica de quem o fez, entretanto, seguindo a teoria de Jung é visto que:

“O processo criativo (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação do inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida” (JUNG, 2013, p.83)

Compreende-se então que através da arte apresentada em sua totalidade como uma forma de transcrever imagens primordiais, sendo representadas nas mais diversas formas e possibilidades de representação.

Conclui-se então que, ao entender os arquétipos, e alguns desses, vemos a dinâmica do cotidiano de cada indivíduo se relacionando constantemente com seus arquétipos, aproximando-os da consciência, entendendo como parte de um todo, e como manifestações de uma origem semelhante, mas manifestações individuais. Por conseguinte, ainda é possível entender certas aproximações e repulsas devido os próprios arquétipos, como vimos com a sombra, podendo serem transferidos tanto para pessoas como para obras artísticas.

Sendo assim, entendemos a importância das artes, principalmente do ballet clássico de repertório, como um simbolismo corporal, que revela também a associação de arquétipos. Trazendo tanto sentimentos de repulsa como de identificação, podendo ser um recurso para entender e personificar as imagens arquetípicas, sendo possível aproximar um conteúdo do inconsciente coletivo, parte mais profunda da psique humana,

com a consciência, podendo ser um meio para trabalhar os arquétipos de forma consciente e palpável.

## 2. BALLET DE REPERTÓRIO

Após a compreensão do que se é arquétipo, e como ele pode ser apresentado em formas artísticas, reproduzindo imagens primordiais em formas de movimento, por exemplo, faz-se necessário contextualizar de que se trata o ballet clássico, e os ballets de repertório, para ser possível dar sequência a monografia. Sendo assim, após o entendimento da dança em questão, será possível associar a arte representada por si só com os arquétipos que estão presentes na teoria de Jung, sendo uma descrição com base na teoria junguiana.

Para entender então o ballet de repertório e a sua forma de representar histórias com símbolos e movimentos, devemos entender a origem da modalidade do ballet clássico, tendo dito por Frajuca, (2021, p.17) “O balé conforme conhecido hoje pode ter suas origens rastreadas desde o século XVI, onde em 1533, Catherine de Médici, da Itália, se casava com Henri II, da França”. Entendendo sua origem então na corte italiana, sendo mais explorada alguns anos após na França, mantendo a elegância e os trejeitos na alta sociedade da época, ainda pontuando Frajuca (2021, p. 20) vemos que “Sob o reinado de Luís XIV, o balé florescia; em 1653, com 14 anos, o rei apareceu no Ballet de la nuit, como o deus Apollo, e seria para sempre imortalizado como o Rei Sol”. Entendendo o ponto importante da influência do Rei Luiz XIV, vemos que assim foi possível repercutir, e de certa forma mover o ballet da corte para os teatros.

Conseqüentemente, podemos observar que com o desenvolvimento do ballet clássico, e vindo para essa posição de apresentação de teatro, se fez necessário o desenvolvimento de uma categoria a mais para essas apresentações, sendo então os ballets de repertório. Entendendo como dito por Franco, Ferreira, (2016, p. 4) “O desenvolvimento do ballet d’action, na segunda metade do século XVIII, inicia o processo de desvinculação da dança com a ópera, propiciando a emergência do balé como arte totalmente independente”, se tornando assim uma obra completa, sendo interpretada a partir de música e dança de forma única, tendo o destaque na dança, e não como algo complementando o teatro como era inicialmente.

Entendendo então o ballet de repertório enquanto uma certa modalidade e apresentação, temos a junção de dança e pantomimas, que em conjunto com a música relatam a história proposta. Entendendo o descrito por Aranha (2016, p. 39) vemos que “Os atos, divididos em cenas, descrevem pouco a pouco o desenrolar da trama, apresentando por vezes descrições de como os personagens ‘dialogam’ através das ações



e reações às emoções em jogo”. Compreendendo um conjunto de ações como a forma de comunicação dos bailarinos com os espectadores.

Sendo assim, entende o que foi apresentado por Frajuca (2021, p. 29) “Coreógrafos começaram a criar enredos completos e elaborados para o balé, assim como cenários. Dançarinos aprenderam atuação e davam ênfase em representações realistas das paixões humanas.” Ou seja, entendemos os ballet de repertório como uma série de movimentos com base em enredos, representando histórias e situações, juntando danças e mímicas, ou as pantomimas, para apresentar uma obra completa.

Por conseguinte podemos entender as diversas influências no ballet clássico, principalmente ao pensar na importância da imagem feminina, visto que, em sua grande maioria, representam símbolos de beleza, pureza, ou em alguns casos como o que é reprimido e rejeitado. Sendo assim, um exemplo do que vemos de influência é da era romântica, que apresenta uma representação da bailarina como um ser etéreo, algo distante do percebido humano, como dito por Camargo (2018, p. 111) “A imagem da bailarina da era romântica, como já dito, de etérea, parece ter surgido da necessidade da assimilação do elemento feminino como algo ligado a pureza e a beleza”.

Conclui-se que o ballet de repertório então é uma forma mais simbólica de se transmitir uma história, sendo composto por atos, isto é, dividida em partes, as quais juntas relatam as histórias. Esses atos então repletos de danças e pantomimas desenvolvidas pensadas para transmitir uma determinada emoção, apresenta uma forma de apresentação com início, meio e fim. Sendo assim, será possível descrever os ballets de repertório e analisar os símbolos associados aos arquétipos, para entender o que a arte da dança pode transmitir e gerar no espectador.

Podendo ser uma projeção, uma repulsa, quase agregando o espectador dentro da obra dramática, buscando gerar essas conexões e sentimentos, a identificação e somando o real com o fictício, sendo o motivo das obras que apresentam símbolos arquetípicos conseguem se eternizar ao longo da história humana, pois mesmo que a história mude, imagens primitivas continuamente alcançam uma conexão com o indivíduo.

Em seguida, segue a descrição dos ballets que serão utilizados de base para realizar a análise posteriormente, uma vez que para compreender os aspectos e detalhes dos personagens é necessário entender a participação dos mesmos nas histórias, e por consequência, entender como as influências desses personagens influenciara no desenrolar das histórias.

## **2.1 Spartacus**

O ballet inicia com uma invasão chefiada por Crassus, em que transforma gladiadores e mulheres em escravos, incluindo Spartacus e sua amada Phrygia. Em seguida os traficantes de escravos separamos homens das mulheres, separando o casal.

Após esse momento, Crassus como objetivo de obter diversão, realizou uma festa com a presença de sua concubina, Aegina, com bebidas, sedução e lutas, colocando máscaras em 2 escravos, os vendando e colocando para lutarem entre si, sendo que ao final, o vitorioso se revelou como Spartacus, que ao ver o que foi obrigado a fazer fica revoltado, e em seguida reúne os gladiadores propondo uma fuga, sendo aceito por todos.

Em seguida ocorre a fuga dos escravos, e todos comemoram felizes por estarem novamente em liberdade, e Spartacus se encanta por estar novamente com sua amada Phrygia. Enquanto isso, na cidade, ocorre um banquete entre Crassus, Aegina e seus amigos, que foi interrompido pelo caos, ao saber da fuga dos gladiadores, ocorrendo um confronto chefiado por Spartacus e Crassus, tendo como fim, a vitória de Spartacus, aprisionando Crassus.

Em seguida, aconselhado por Aegina, o atual prisioneiro busca por sua vingança, chamando seu exército para ir atrás de Spartacus uma última vez, sendo guiados por Aegina, que encontrou o acampamento de Spartacus e Phrygia. Neste momento no acampamento o casal apaixonado está feliz com o reencontro, porém a felicidade é interrompida ao ficarem sabendo do retorno de Crassus, sendo necessária a decisão de Spartacus de aceitarem a batalha. No momento do confronto, aparece Aegina tentando vingar Crassus, buscando seduzir alguns dos rebeldes com vinho e outras cortesãs servindo de distração, até que possa os entregar a Crassus. E por fim, ocorre o confronto final, terminando com a morte de Spartacus e a vitória de Crassus. Na última cena vemos a tristeza de Phrygia, agora viúva durante o sepultamento de Spartacus.

## **2.2 O Lago Dos Cisnes**

O ballet se inicia com a jovem Odette sendo transformada em cisne por Rothbart, voltando a sua forma humana apenas a noite. Enquanto isso no castelo, o príncipe Siegfried recebe um baile de aniversário com as pretendentes, para buscar sua futura esposa, que deverá ser decidido no dia seguinte.

Em Seguida, ao encontrar um lago e avistar um belo cisne, tenta o caçar, mas enfeitado

pela beleza, a seguiu, e avista uma linda Jovem, e decide ir atrás dela, chegando ao reino do mago Rothbart. Encantado com a beleza de Odette, Siegfried está determinado a quebrar o feitiço, a convidando para o baile no dia seguinte, porém Odette se recorda que Rothbart fará de tudo para impedi-la de ir à festa.

No momento da festa todos os convidados e pretendentes chegam, menos Odette, deixando o príncipe a esperando, com esperanças de vê-la novamente. Até que ele avista sua amada, ou o que acredita ser sua amada, sendo na realidade Rothbart e sua filha, Odile. O príncipe a retira para dançar, enfeitiçado por Odile, crendo estar vendo Odette, e durante essa ilusão a escolhe como sua esposa, rompendo com o juramento de quebrar o feitiço feito a Odette.

Durante esse erro, os cisnes brancos tentam consolar a princesa dos cisnes, até que o príncipe percebe seu erro e tenta explicar a ela como foi enganado, e ao perdôá-lo, ambos renovam seus votos de amor. Quando Rothbart aparece o príncipe tenta se explicar, porém, Odette prefere se matar ao continuar vivendo assim, sendo seguida pelo príncipe, que não aceita viver sem sua amada.

### **2.3 Giselle**

A história de Giselle se inicia na vila, em que Giselle se apaixona por Loys, o Príncipe Albrecht disfarçado de camponês, porém Hilarion também ama Giselle, e fica louco de ciúmes pela paixão de Giselle e Albrecht. Entretanto, durante a dança a mãe de Giselle, Bertha, a conta de sua visão, em que a camponesa morreria e se tornaria uma Willi. Em seguida tem a chegada da realeza na vila, e Giselle fica encantada pelas roupas e joias de Bathilde, prometida do príncipe Albrecht. E ao receber um presente da noiva pede que seus amigos dançam para ela, visto que Giselle não deveria dançar segundo sua mãe. Entretanto, com a chegada do príncipe, após mostrar seu presente a Loys e celebrar dançando, Hilarion desmascara Albrecht, fazendo com que Giselle viva um momento de loucura, delirando até sua morte.

Em seguida, Hilarion vigia o tumulo de Giselle, condenada a ser uma Willis para sempre, até o momento que as Willis aparecem. Albrecht também vai ao tumulo com remorso e culpa, e mesmo sendo condenado a dançar até que morra de exaustão pela rainha das Willis, o amor de Giselle por ele não permite que isso aconteça, deixando-o vivo.

## **2.4 Dom Quixote**

Dom quixote, um nobre fissurado por histórias de gladiadores, sai em busca para conseguir trazer Glória para seu nome, com seu amigo e “fiel escudeiro” Sancho pança. Enquanto isso, na vila Kitri, apaixonada por Basílio, acaba descobrindo que seu pai quer casá-la com um nobre. Em seguida, Dom quixote chega na vila, e acredita encontrar sua amada Dulcinéia, ao avistar Kitri, sendo uma mulher encantadora e cobiçada, que acaba fugindo com Basilio em busca de conseguir viver seu amor.

Durante a fuga, o pai de Kitri e seu pretendente acabam encontrando Kitri e Basílio em uma taberna, que ao tentar anunciar o noivado, acaba sendo impedido pela cena de Basílio, que finge se matar, até o momento que o pai de Kitri permite que o romance ocorra, revelando o fingimento e por fim todos comemoram felizes, e nesse momento Dom Quixote percebe que ela não é a sua amada, e sim a mulher de outro homem.

Em outro momento, com o aumento dos ventos, Dom Quixote passa a tentar lutar contra o moinho, por acreditar que seriam gigantes ameaçando a segurança de Dulcinéia, caindo em um sono profundo. Durante esse sonho, Dom Quixote sonha com as Dríades, o cupido e sua amada Dulcinéia, com a imagem da Kitri, sendo o tempo todo impedido pelo cupido de chegar perto de sua amada.

Por fim, ocorre uma grande festa, ocorrendo o casamento do casal apaixonado, o qual são parabenizados por Dom Quixote, que resolve seguir suas aventuras, e o casal podem viver felizes e juntos.

## **2.5 La Bayadere**

Ao chegar de uma caçada bem-sucedida, o guerreiro Solor manda seu servo enviar um presente ao Rajá, enquanto espera sua amada Nikya, a bailadeira do templo. Enquanto isso, o Sacerdote tenta demonstrar seu amor pela mesma, quando acaba sendo rejeitado. Em seguida Nikya descobre da espera de Solor no lado de fora do templo, e vai ao seu encontro, e durante esse momento Solor tenta convencê-la de fugir com ele, e para se sentir segura, a menina o faz jurar o amor do casal perante o fogo sagrado, quando o sacerdote descobre e fica furioso, jurando vingança.

Em seguida, no palácio de Raja, como agradecimento pelo presente, o mesmo oferece a mão de sua filha Gamzatti a Solor, que hipnotizado pela beleza da dama, acaba

aceitando, esquecendo da promessa feita a Nikya anteriormente, porém o Sacerdote ao saber do noivado conta sobre o romance do guerreiro com a Bailadeira do templo. Em seguida, ao saber do noivado, Nikya tenta ir até Gamzatti revelar sobre seu amor por Solor, e neste momento Gamzatti oferece joias e presentes para que a mesma desista de tentar ficar com Solor, mas após negar a oferta Nikya acaba ameaçando a dama com um punhal, e ao se assustar com sua ação, acaba fugindo apavorada.

Sendo assim, ocorre a festa de noivado entre Solor e Gamzatti, com muita dança e música, até que o Raja ordena que Nikya dance com todos, porém, ao longo do momento a Bailadeira recebe uma cesta de flores com uma cobra venenosa, e nesse momento o sacerdote Brâmane se dispõe a ajudá-la com o antidoto, caso ela aceite ficar com ele, mas ao ver seu amado com Gamzatti, Nikya aceita seu fim.

Tomado por tristeza de ver sua amada morrendo, Solor faz uso de ópio para se distrair, e acaba adormecendo, e sonhando com Nikya no reino das sombras, acompanhada de diversas bailadeiras, e neste sonho Solor jura seu amor por Nikya novamente, e promete não a abandoná-la mais por toda a eternidade.

### 3. ANÁLISE

A partir dos ballets descritos anteriormente, é percebido a influência dos personagens principais em cada obra, e por conseguinte, é notório os aspectos arquetípicos presentes em cada personagem de forma a ilustrar a relação da manifestação do arquétipo com o desenrolar das histórias. Segue então uma relação dos personagens com a análise de como suas características apresentadas nas obras relacionam com arquétipos específicos.

**Arquétipo da Persona:** Como visto anteriormente, a persona enquanto máscara, é a aparência moldada pelo self para ser aceito na sociedade, entendendo a como o ideal a ser apresentado. Odette sendo uma jovem doce, delicada, protegida e em distante, Odete representa uma realidade idealizada, visto que o momento em que aparece com o príncipe, está na sua versão humana, mesmo tendo sido transformada em cisne, não demonstrando seu eu verdadeiro no momento.

**Arquétipo da sombra:** Baseando a sombra no que foi discutido anteriormente no texto, vemos uma realidade reprimida e escondida, que se manifesta de forma silenciosa. Seguindo nesta linha de raciocínio, podemos entender a sombra como aquilo que é negado, repudiado e não aceito socialmente. Odile demonstrando sua faceta sensual, vaidosa e sedutora, Odile representa aspectos que muitas vezes são ocultados e vistos como proibidos para mulheres em público, sendo a representação do que não se deve ser no momento. Acrescentando aspectos da sombra, podemos ver manifestações da mesma enquanto o mal, o cruel, visto que a sombra representa também aquilo que não se é correto, visto que é algo reprimido e escondido. Tendo então uma percepção maléfica da sombra, podemos ter Crassus: Violento e ganancioso é possível citar que a sede por vitória e conquistas levam Crassus a passar por cima de todos, em busca de poder.

**Arquétipo do animus:** Enquanto guerreiro, a demonstração do arquétipo masculino é caracterizada como dito acima, se associando a princípios, dogmas, polemicas, apresentando aspectos de força, sucesso e coragem, como no personagem. Solor Jovem guerreiro, o Solor é a representação de força e sucesso, sendo glorioso para seu povo, recebendo o reconhecimento da realeza, mas ao longo do ballet também é uma figura que se demonstra confuso e apaixonado.

**Arquétipo do herói:** “O herói simboliza a união das forças celestes e terrestres. [...] C.G.Jung, nos símbolos da libido, identifica o herói como poder do espírito” (Chevalier, 2022, p.553-555). Vemos então a potência do herói como força, poder e um

simbolismo associado a libido, trazendo a glória do confronto, a agressividade e os diversos interesses, contextualizando a libido como “Energia psíquica e libido são sinônimos. Libido é apetite, é instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos” (Silveira, 1981, p. 34). Spartacus representa este arquétipo por ser Gladiador com espírito de liderança, pode-se descrever então Spartacus como um personagem que busca sua liberdade, inspira outras pessoas a seguirem seu caminho, e aceita a luta, independente do resultado, como um grande herói.

Arquétipo do pai: Chevalier, (2022, p.752) apresenta o pai como “O papel paternal é concebido como desencorajador dos esforços da emancipação, exercendo uma influência que priva, limita, esteriliza, mantém na dependência.” Partindo desse pressuposto, temos o pai como figura que possui, que direciona e que mantém, associando com o pai da Kitri, temos uma postura paternal que tenta privar de se emancipar e escolher o companheiro que deseja, pensando no que julga ser melhor para sua filha. Pai de Kitri se mostra um cuidador e pensando no bem de sua filha, o pai busca casá-la com uma pessoa com dinheiro, pensando constantemente no melhor para a sua filha.

Arquétipo do louco: dentro do identificado como louco, Chevalier, (2022, p.628) pontua “o louco está fora dos limites da razão, fora das normas da sociedade [...] por trás da palavra loucura se esconde a palavra transcendência”, sendo possível associar esta loucura fora das normas sociais com a loucura do dom quixote e todo seu imaginário enquanto guerreiro que domina moinhos e digno de uma deusa inalcançável e impecável. Dom Quixote se mostra um homem apaixonado e em busca de aventuras, e é visto como louco pelos integrantes da civilização, mas vive aventuras lutando com moinhos e sonhando com a mulher idealizada.

Arquétipo da anima: Enquanto feminino é a representação da pureza, da ingenuidade e da delicadeza, vemos que (Chevalier, 2022, p.482) “os sentimentos e humores instáveis, as instituições proféticas, a sensibilidade ao irracional, a inerente capacidade de amar”. Esses aspectos presentes na personagem apresentam as nuances de paixão, sensação de traição e ingenuidade. Um exemplo desse aspecto seria Giselle uma jovem e apaixonada, vive em busca de seu amor, mesmo sendo proibida de dançar por sua doença no coração, a personagem não se percebe enquanto amante, e ao descobrir padece de tristeza e loucura.

Dentro do arquétipo da anima vemos também símbolos de feminilidade, ou seja, a simbologia do feminino que permite abranger uma diversas possibilidades de

representar essas mulheres. Partindo da citação de Ribeiro, (2008, p. 3) “Imagens míticas da Deusa estão associadas à psicologia da mulher em diferentes fases de sua vida, da puberdade à velhice, que, por sua vez, representam os aspectos da natureza intrínseca do Feminino em seu caráter elementar e transformador positivo e negativo.”

Tendo uma visão ampla e que agrega as diversas possibilidades da mulher, como a esposa Phrygia: Apaixonada e fiel, a personagem é construída de forma a apoiar e a manter-se ao lado de seu amado, seguindo e apoiando as decisões do mesmo. a prostituta Aegina: Sensual, Aegina enquanto concubina, representa o prazer e a sexualidade. A mulher selvagem como Kitri: Jovem, apaixonada e determinada, Kitri é uma mulher determinada e com potência, impondo suas vontades e buscando conseguir realizar seu sonho de ficar com o homem por quem é apaixonada.

A deusa idealizada e inalcançável, a Dulcinea Idealizada, a personagem aparecem no sonho como a mulher perfeita, porém, inalcançada, o amor proibido e encantador, sendo inexistente. E a jovem como a Nikya A bailarina do templo retratada o tempo todo como uma mulher muito apaixonada e fiel, demonstra força e determinação, além de se mostrar uma personagem fiel ao seu amor jurado por fogo e a si mesmo, não aceitando chantagem e optando pela morte, em vez de ficar em um mundo onde não fica com seu amado contrariada por sua vontade. Por fim, temos a mulher poderosa, como Gamzatti, parte da realeza e poderosa, Gamzatti demonstra força, e compromisso, sendo a representação do poder feminino e pela busca por ter o que foi designado como seu.

Arquétipo do cupido: Seguindo a simbologia do cupido, temos a descrição de Canuto, Pavas:

“O pensamento renascentista aparece através da presença de mitos gregos. Camões exalta o deus Cupido como o menino arqueiro e cego que traz a paixão aos seres humanos (incautos). Nessa perspectiva, o sentimento amoroso aparece tanto como uma entidade divina, agente externo e transcendente, quanto como amor físico. A relação entre um e outro remonta ao platonismo, sendo o Amor correspondente à forma superior, perfeita e imutável, matriz do amor contingente e imperfeito manifestado nos seres humanos.”(CANUTO, PAVAS, 2001 p. 8:)

Seguindo do pressuposto que o cupido apresenta a simbologia de um amor platônico, e de certa forma quase intocável, sendo associado com o Cupido que durante o sonho, exerce o papel de dificultar e atrapalhar o amor de Dom Quixote, sendo constantemente um empecilho, tornando o amor proibido mais interessante e desejado, e partindo do pressuposto que é proibido devido á diferença entre o real e o presente no imaginário do



dom quixote.

Arquétipo da sombra no sonho mitológico: entendendo inicialmente o sonho mitológico por aquele “que reproduz algum grande arquétipo e reflete uma angústia fundamental e universal” (Chevalier, 2022, p.926) temos esse sonho mitológico aproximando o Solor de sua amada, a partir do arquétipo da sombra, uma vez que não se é esperado que ele decida ficar com ela, visto que ele aceito casar com Gamzatti, apresentando então esses aspectos entendidos como manifestação da Sombra. Como visto acima, temos a sombra como elemento do que é reprimido, como esse amor proibido, tendo então esta manifestação da parte não vivida. Reino das sombras fruto do delírio de Solor, o reino das sombras revisita o amor por Nikya, agora impossível, e relembra Solor de sua amada enquanto espírito, a remetendo ao sonho e a sombra.

Arquétipo da morte: Visto que o momento que as Willis se apresentam, a manifestação da morte é carregada de maneira abundante, como dito por Chevalier (2022, p.695) “Liberadora das penas e preocupações, ela não é um fim em si; ela abre o acesso ao reino do espírito, à vida verdadeira” Willis são as almas das mulheres que morrem solteiras, denominadas de Willis que buscam matar os homens que não as amaram são o símbolo do que não foi, e do coração partido de não terem vivido o amor que gostariam.

## CONCLUSÃO

Buscando uma nova ilustração frente os arquétipos descritos por Jung, baseando então nos ballets de repertório escolhidos, este trabalho teve o objetivo de demonstrar a relação entre ambos e como essa percepção pode agregar nos estudos de arquétipos e suas características mais perceptíveis, além de acrescentar embasamento teórico para o estudo da arte. Portanto, a partir do trabalho, é possível observar uma série de nuances, podendo relacionar os arquétipos descritos por Jung com as representações artísticas dentro das obras de ballets de repertório, uma vez entendido que os arquétipos apresentam uma série de imagens herdadas dentro do inconsciente coletivo. Desse modo, entendendo que os arquétipos estão presentes no cotidiano das pessoas, os símbolos e as manifestações dessas imagens primordiais passam despercebidas, pela relação delas com o indivíduo ser algo inato, e conseqüentemente, simbiótico.

Assim sendo, entendemos os arquétipos como partes de um todo, dentro do inconsciente coletivo, influenciando nos comportamentos, na personalidade, e de certa forma nas relações interpessoais, uma vez que a persona auxilia no molde social de como a pessoa irá se mostrar em um determinado ambiente, por exemplo, ou a própria influência da sombra, reprimindo e projetando aspectos inconscientes, alterando na forma que as pessoas se relacionam e se identificam entre si.

Por conseguinte, temos essas imagens primordiais como aspectos essenciais do convívio e do desenvolvimento do indivíduo, uma vez que o self, arquétipo que agrega como ponto central do indivíduo, o qual abrange todo o ser enquanto si mesmo por completo, é importante para o desenvolvimento pessoal e como parte de um todo.

Devido á relação dos arquétipos, e as, sutis manifestações dos mesmos, se faz necessário entender que para identificá-los, muitas vezes é necessário realizar uma identificação do externo para o interno, ou seja, identificar os aspectos desse arquétipo em algo real, palpável e impessoal, para a partir deste momento desenvolver uma reflexão e desenvolver o autoconhecimento. Então, ao associar as histórias dos ballets de repertório, é possível desenvolver uma gama de características que pessoalmente podem ser deixadas de lado, uma vez que o ballet de repertório, enquanto obra artística com uma história dançada com início, meio e fim, podendo gerar identificação.

Concluindo então que essa identificação pode ser gerada a partir de situações dentro da obra, e por características dos personagens, observando como os mesmos interagem uns com os outros. Por fim, a análise dos personagens dos ballets de repertório

selecionados deteve uma série de aspectos que são possíveis de serem trabalhadas atualmente como as diversas representações da anima, mostrando a pluralidade que pode ser o arquétipo do feminino, outro aspecto possível de ser trabalhado é referente a relação de persona e sombra frente as relações, visto que o príncipe, por exemplo, visualizou sua amada no cisne negro, projetando algo de certa forma, do seu interior para o exterior, mostrando como as relações são afetadas por esses arquétipos.

Outros aspectos que é possível de trabalhar é referente ao herói e ao vilão, podendo trabalhar a rivalidade, por exemplo, além de poder, ser trabalhado questões de morte, loucura, visto que a morte e esse momento de loucura como do Dom Quixote, são aspectos atemporais. Por conseguinte, uma vez que os arquétipos apresentados são imagens que permanecem imutáveis, independente da época em que são construídos, e independente do contexto histórico, respeitando certas formas específicas, como os aspectos culturais, sociais e históricas que essas imagens estão sendo apresentadas, tendo uma adaptação das imagens com o contexto, como as imagens foram moldadas pelos ballets de repertório apresentados, sendo uma nova possibilidade de entender e agregar a teoria dos arquétipos, e de observar a construção dos personagens do ballet em cada obra.

## REFERÊNCIA

ARANHA, Raquel da Silva. "**Apelles et Campaspe**", **balé-pantomimo de Noverre (1776): dança, libreto e música**. 2016. 1 recurso online (347 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630520>. Acesso em: 28 mai. 2023.

CANUTO, Claudia., PAVAS, Patrícia. **A Aristocracia da Emoção: a Anima no lirismo trovadoresco e na lírica camoniana**. *Leitura*, (28-29), 215-225, 2001.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos : mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números/** Jean Chevalier, Alain Gheerbrant; edição revista e atualizada por Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva ... [et al.]. – 37ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympo, 2022.

DO8KR Maya. **Dom Quixote – Natalia Osipova, Ivan Vasiliev**. YouTube, 7 de dezembro de 2021. Disponível em: [https://youtu.be/Ac\\_dUGQSpac?si=JyhbWLkZ9R5MWCx2](https://youtu.be/Ac_dUGQSpac?si=JyhbWLkZ9R5MWCx2). Acesso em: 02 mai 2023.

FRAJUCA, Cheyenne Cordeiro. **O traje das protagonistas do balé clássico: história, trajetória e conservadorismo**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/d4a2f927-771a-42ed-bef9-b6bc3b7726c5>. Acesso em: 03 mai 2023

FRANCO, Neil; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. **Evolução da dança no contexto histórico: aproximações iniciais com o tema**. *Repertório*, Salvador, 26, 266-72, 2016

HALL, Calvin, Lindzey, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Artmed: São Paulo, 2000

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo: na psicologia de C.G. Jung**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Fundamentos de psicologia analítica/C.G. Jung**: tradução de Araceli Elman; prefácio e introdução de Léon Bonaventure. Vozes: Petrópolis, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**; tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis, Vozes, 1980.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KASSING, Gayle. **Ballet: Fundamentos e Técnicas**. São Paulo: Editora Manole, 2016. E-book. ISBN 9788520451595. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520451595/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

KHACHATURIAN Aram. **Spartacus ballte in 3 acts**. YouTube, 3 de março de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/DvVm9iPlkOc?si=YOvNuFEvI0gudfC-> Acesso em: 10 mai 2023

LEAL, Eduardo Emanuel. **Jung e o caminho da individuação**. *Cadernos Cajuína*, 6 (3), 295-299, 2021

LOPES, Aline dos Santos. **A Imagem do feminino no balé clássico e na dança moderna na primeira metade do século XX**. Disponível em: <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170509155429.pdf>. Acesso em: 15 mai 2023

MOREIRA, Fernanda. **Conceituação do arquétipo anima-animus na obra de Jung**. Disponível em: <http://fernandagmoreira.com.br/jung/TextoAnima.pdf>. Acesso em: 01 mai 2023

RAMOS, L. M. A. Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. ETD - **Educação Temática Digital**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 110–144, 2008. DOI: 10.20396/etd.v4i1.616. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/616>. Acesso em: 9 maio. 2023.

RIBEIRO, Maria Goretti. **O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária**. Graphos, João Pessoa, 10, 2008

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

THE DANCES INC. **Swan Lake – Full Length Ballet by American Ballet Theatre**. YouTube, 11 de julho de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/I9rEmB4h6TE?si=VhUX1PmyzpV13eSJ>. Acesso em: 15 mai 2023

THE ORIENTAL JOURNAL. **Versão La Bayadere 2020 Royal Opera House**. YouTube, 11 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/8upS0UeWdSs?si=cLWUrVzguosTaHmA>. Acesso em: 30 abr. 2023

VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, Joel Sales. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. **Estudos de Psicologia** (Campinas), 24, 375-383, 2007

VON FRANZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada**- tradução Maria Christina, São Paulo: Paulus, 1985.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**- tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZAKHAROVA, Giselle Svetlana. **Ballet Completo**. YouTube, 1 de setembro de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/50McWZYWsMk?si=fOTD5sGImGAu5WNE>. Acesso em: 10 mar. 2023.